

PIERRE SEEL E REINALDO ARENAS: HOMOSSEXUALIDADE E CÂNONE DA LITERATURA DE TESTEMUNHO

Guido Vieira Arosa

Mestrando em Ciência da Literatura - UFRJ

guidovieiraarosa@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa problematizar o cânone dos estudos literários sobre o testemunho frente aos relatos marginalizados de dois homossexuais: o cubano Reinaldo Arenas e o francês Pierre Seel, traumatizados ao longo do século XX, mediante os genocídios viabilizados política e economicamente pelo sistema vigente. Cânone literário este que é focado principalmente em analisar os relatos do judeu no campo de concentração da Segunda Guerra – *Shoah* – e o indígena e camponês da América Latina mediante a opressão do capitalismo – *testimonio*, mas que deixou em segundo plano o texto homossexual, possível de emergir principalmente a partir dos anos 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade, Literatura, Trauma, Arenas, Seel.

ABSTRACT

This article aims to discuss the canon of literary studies about testimony in front of marginalized reports of two gays: the Cuban Reinaldo Arenas and the French Pierre Seel, traumatized during the twentieth century by the genocides policy and economically made feasible by the current system. Literary canon that is primarily focused on analyzing the Jew account on the concentration camp of Second World War – *Shoah* – and the indigenous and rural Latin American through the oppression of capitalism – *testimonio*, but left in the background gay text, possible to emerge mainly from the 1980s.

KEYWORDS: Homosexuality, Literature, Trauma, Arenas, Seel.

INTRODUÇÃO

A partir do final dos anos 1800, a homossexualidade deixa de ser considerada prática isolada e passa a ser vista como fator determinante na constituição do sujeito (FOUCAULT, 1980, p.43), sendo o homossexual inserido em um discurso médico, criminal e racista, estando então dentro de uma rede patológica. Desta forma, o homossexual fica relegado, com respaldo científico, aos usos políticos e sociais dos atos de isolamento e aniquilação. É nesta perspectiva da comprovação científica da exclusão que o século XX pôde presenciar a prática sistemática da barbárie institucionalizada, independente de regime político ou econômico. Sendo assim, este artigo tem por intenção analisar duas obras de testemunho homossexual, uma produzida pelo cubano Reinaldo Arenas (1943-1990) e outra pelo francês Pierre Seel (1923-2005): respectivamente “Antes que anoiteça” (lançado em 1992, na Espanha) e “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual” (lançado em 1994, na França).

O HOMOSSEXUAL E SUA HISTÓRIA

Arenas descobre-se com *Aids*, nos Estados Unidos – para onde se refugiara no começo dos anos 1980, fugindo das torturas, prisão e exclusão social do governo de Fidel Castro – e é a partir de então, acreditando na certeza da morte (e diante do trauma que foge à compreensão em linguagem que foi a epidemia em seus anos iniciais para o cidadão homossexual), que o escritor começa a gravar fitas relatando os anos de clandestinidade em Cuba, quando foi proibido de escrever, por seus textos terem sido taxados de contrarrevolucionários e homossexuais. As gravações iniciais são realizadas durante suas primeiras internações para, em seguida, Arenas transcrevê-las. Além do relato de “luta e esperança” política e identitária que o escritor se propõe a realizar com seu livro-epitáfio,

também pode-se ver no relato uma tentativa de contemplar o horror que foi, para ele, ser soropositivo. Encontra-se a *Aids*, no texto de Arenas, na verdade onde ela naquele texto menos existe, mais faz falta, mais está no vazio, pois representa o trauma maior, o indizível, o horror impossível de se mensurar em palavras, já que abjeto em demasia: “Percebo que estou quase chegando ao fim desta apresentação, que na verdade é o meu fim, e não falei da *Aids*. Não posso fazer isso, pois não sei o que é. Ninguém sabe, com toda a certeza” (ARENAS, 2009, p.15).

“Antes que anoiteça” é, então, finalizado em agosto de 1990 e o autor suicida-se em dezembro, sendo o livro publicado, na Espanha, dois anos depois. No entanto, como relata o escritor Caio Fernando Abreu (que o leu na Europa, em 1992) em texto para “O Estado de S. Paulo”, de 27 de novembro de 1994, a recepção da obra no Brasil foi difícil: “Voltando ao Brasil, quis traduzí-lo. Ninguém quis. Muito deprimente, diziam, pouco comercial” (ABREU, 2006, p.129). A obra sai então, finalmente, em 1994, pela Editora Record. Apesar de tudo, desde a primeira edição até a última, de 2009, a editora falha na diagramação e exclui as duas últimas frases do livro: “Cuba será libre. Yo ya lo soy”, presente ao fim da carta de despedida do escritor, na iminência de seu suicídio. O fato, unido a não reedição de suas poucas obras publicadas em português e na quase exclusão da maior parte de seus trabalhos no Brasil, mostra que ainda deve-se estudar muito sobre e a partir da obra de Arenas.

Já o francês Pierre Seel – que ao longo da vida buscou uma carapaça heteronormativa –, em 1941 foi deportado para um campo de concentração, após ser fichado pela polícia por frequentar um parque onde havia encontros *gays*, e no campo presenciou a morte de seu companheiro comido vivo por cães, dentre outras atrocidades. “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual”, de 1994, é considerado o primeiro relato testemunhal em livro de uma vítima homossexual francesa da Segunda Guerra. O livro foi

lançado no Brasil apenas em 2012, como parte do mestrado de Tiago Elídio, na Unicamp. Tal como escritores que passaram pelo trauma de Auschwitz afirmam que provavelmente nunca teriam escrito caso não houvessem sido vítimas e testemunhas de violência tão profunda, Seel expõe este seu texto. Transpassado pela questão do silêncio (“Sempre essa camuflagem, essas meias-verdades, essa obrigação do segredo”, 2012, p.95) e da vergonha (“Essa vergonha, feita de mil vergonhas”, *Ibidem*, p.131), o relato escrito existe por meio do relato oral do francês ao jornalista Jean Le Bitoux.

O objetivo, portanto, principal deste artigo, é demonstrar a possibilidade de se pensar os testemunhos provenientes do cubano Reinaldo Arenas – *testimonio*, inserido em um contexto de autoritarismo na América (seja autoritarismo comunista em Fidel Castro como também capitalista nos Estados Unidos, onde o escritor afinal de contas matou-se) – e do francês de origem alsaciana Pierre Seel – da *Shoah*, inserido no contexto do autoritarismo da Europa que culminou na Segunda Guerra Mundial (e da invisibilidade homossexual na França dita democrática) – como na verdade inseridos em um contexto maior e sem fronteiras da consequência da experiência traumática, como pondera uma das notas de rodapé do livro de Pierre Seel:

Tony Lainé: “Os grandes traumas da história têm, de modo considerável, destinos idênticos àqueles que afetam um indivíduo. São enterrados, tapam-se as brechas, mas desde o momento em que a memória os afasta, permanecem inalterados, com a carga emocional que lhe é associada intacta” (Prefácio da obra de George Eisen, *Les Enfants pendant l’holocauste*, Calmann-Lévy, 1993, p.10). (SEEL, 2012, p.160)

Sendo assim, quer-se articular a forma como o sexo é interferido (e interditado) pela política e como a literatura alcança de forma distinta (mas semelhante) os autores Arenas e Seel. Quando, aqui, se afirma em alcançar de maneira distinta, pretende-se por destacar que Arenas durante toda a sua vida, em Cuba, foi um escritor que utilizou-se da palavra para

contestar o regime que o oprimia e que entendia o ato de escrever como necessário e indispensável para a vida. O próprio título “Antes que anoiteça” é uma forma de dizer ao leitor que ele precisou contar sua vida, seu trauma, e escrever toda sua obra, enquanto ainda houvesse “luz” para que ele pudesse dizer, traduzir em palavras suas vivências. Quando anoitecesse não seria mais possível contar (este livro que ele iniciou a escrita nos anos 1970, enquanto se escondia da polícia dentro de um parque público e onde, portanto, ficaria impossibilitado de escrever quando escurecesse por conta da pouca luminosidade do local). Foi com um tipo de noite metafórica (a da perseguição política) que o relato se iniciou (e que ele retomou apenas quando se descobriu com Aids) e que terminou com outro tipo de noite, a da noite/morte metafórica proveniente da doença sem nome, do trauma sem rosto e sem palavras. Foi a partir do momento em que Arenas não teve mais a possibilidade de escrever por estar debilitado e quando ele não pôde mais viver sua sexualidade plenamente (no livro ele afirma que viu-se morto quando, em um banheiro público, os jovens não olharam mais para ele em seus jogos sexuais) que escureceu para sempre. “É de noite” (ARENAS, 2009, p.375), finaliza. Ele, então, morreu, para a escrita, para o sexo – “A vida é risco ou abstinência” (OLIVARES, 2013, p.1) –, para a vida, mas ainda não para contestar politicamente (pois ele morreu, mas proibiu que seus livros fossem publicados em Cuba até a morte de Fidel).

Por sua vez, no caso de Pierre Seel, vê-se um texto pontual, permeado pela voz do silêncio, que tentou ser quebrado oficialmente apenas uma vez, anos após o acontecimento traumático. O francês viveu o início de sua vida sexual tentando dar vazão ao seu desejo, mas foi a partir do constrangimento causado pela polícia/política que ele se afundou em um jogo pérfido de silenciamento e vergonha: após ter um relógio de família roubado quando estava em um parque público onde havia encontro de homossexuais, Seel aos 17 anos se

encaminha à delegacia, mas é lá que ele descobre, tempos depois, ter sido fichado como “homossexual”. Após ser repreendido pelo policial por frequentar o referido parque, Seel destaca: “Entrei na delegacia como cidadão roubado, saí de lá como homossexual envergonhado” (SEEL, 2012, p.30). Seu relato testemunhal, a partir daí, apaga-se de encontros amorosos com outros homens e se recheia de vergonha. Ele, diferente de Arenas, deixa de viver sua homossexualidade e de seu relato a experiência homossexual é apagada, dando lugar apenas ao desejo de justiça, proveniente de seu desabafo, já idoso, a um intermediário jornalista. Enquanto Arenas sempre gritou (ainda que tenha encontrado o grande silêncio na Aids), Seel só no fim conseguiu exprimir seu grito (ainda que tenha sido um grito sussurrado, um grito recheado de silêncio). A tentativa de cura por meio da narração fez-se para ambos e o silêncio e a vergonha teve reverberação nas duas obras.

PROBLEMATIZAÇÃO DO TESTEMUNHO

Estes dois autores vivenciaram, no contexto europeu e americano, experiências-limite que desembocaram em seus relatos-gritos publicados nos anos 1990. O objetivo, então, em analisar ambas as obras comparativamente, é encontrar pontos de convergência, a partir da homossexualidade renegada pelo mundo e até mesmo pela própria economia simbólica da literatura de testemunho, que aproximem as teorias sobre o testemunho literário da *Shoah* (majoritariamente sobre os judeus na Segunda Guerra) – que prioriza a cisão do sujeito atingido pelo trauma e a questão da memória – e o testemunho da América Latina, conhecido por *testimonio* (que relata de forma mais ampla a questão das camadas oprimidas campesinas, indígenas, da luta armada contra ditaduras) – que por sua vez enfoca o relato histórico e jornalístico da testemunha diante das mazelas do subdesenvolvimento

(geralmente o relato tendo um mediador jornalista ou antropólogo). Literatura de *testimonio* considerada pelo cânone como “fundada” pela Casa de las Américas da Cuba pós-Revolução de 1959 (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.32 e PENNA, 2013, p.96). No entanto, vale lembrar que é este mesmo país e esta mesma Casa de las Américas que proporcionou o “apagamento” de Reinaldo Arenas e impediu o próprio relato testemunhal dele, já que nos anos 1970 o autor não figurava da lista oficial de escritores de seu país (ARENAS, 2009) e, quando preso pelo regime, seu nome também não constava em nenhuma prisão (*Ibidem*, p.249). É esta parcialidade do testemunho que se deseja aqui frisar como mote para um estudo crítico da questão.

Quando se afirma aqui sobre uma “indiferença” da economia simbólica das edições de textos testemunhais para com o homossexual, expõe-se com isso o fato de, por exemplo, relatos de judeus perseguidos já serem publicados logo após a Segunda Guerra Mundial, como os textos mais conhecidos – “Diário de Anne Frank” (1947) e “É isto um homem?” (1947) – ao passo que o homossexual passa a narrar-se enquanto vítima mais a partir dos anos 1970 (com a disseminação dos Estudos Culturais e os movimentos minoritários) e principalmente nos anos 1980, 1990 (a partir da epidemia de *Aids* que dizimou milhares de homossexuais), vide o surgimento do movimento *New Queer Cinema* e os relatos dos próprios autores aqui estudados. Este cenário de aparente “atraso” no direto ao grito homossexual dá-se por conta da ainda vigência de leis contra os homossexuais na Europa e na América mesmo após a criação da ONU e da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Com estas separações didáticas sobre os testemunhos do contexto do pós-Segunda Guerra Mundial e do autoritarismo da América Latina, quer-se entender também como que Arenas e Seel fogem e invertem estes paradigmas teóricos, vide que o relato de Arenas é iniciado (dito) e finalizado (escrito) pelo próprio autor (sem intermediários superiores) e é

permeado em grande parte pelas consequências do trauma (dizer/não dizer a *Aids*, contar para ultrapassar, dizer para manter-se vivo), enquanto que Seel “existe” a partir de seus depoimentos a um jornalista, que dá forma ao livro, ao passo que ao mesmo tempo o texto é recheado de notas de rodapé que tem por intenção dar uma historicidade relevante à fala do alsaciano deportado. É interessante vislumbrar também a forma como estes dois autores – que viveram e produziram diante de contextos e motivações diferentes, mas semelhantes em seus efeitos traumáticos – articularam em seus relatos da *Shoah* e da América Latina o sexo/sexualidade que define, a política (seja capitalista ou comunista) que condena e a produção literária (seja ela produtiva e constante ou cindida e pontual) que tem por intenção expurgar o mal.

É preciso estudar também com muito cuidado a crítica feita, por exemplo, por Sánchez (2012), de que a narrativa homossexual perpetua a homofobia do discurso heteronormativo. O *gay* que se narra e narra sobre os seus está transpassado pelo discurso patológico e traumatizante e seria muito difícil para quem recebe este discurso como prioritário não ser atingido com vigor por ele. Deve-se, com isso, entender a narrativa *gay* não como perpetuadora do preconceito, mas como índice do que o preconceito é capaz de fazer no sujeito homossexual.

Desta forma, traz-se à luz:

1) A problemática da teoria da literatura de testemunho vide seu confronto em relação à autobiografia e à autoficção – “O testemunho não deve ser confundido nem com o gênero autobiográfico nem com a historiografia – ele apresenta uma outra voz, um ‘canto (ou lamento) paralelo’” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.79) – e entre o autoritarismo da América Latina e a *Shoah* – uma aproximação entre as teorias do testemunho da América Latina e da Europa é apresentada a seguir:

No meu entender, esta acepção do conceito de literatura de testemunho, por considerar uma grande flexibilidade quanto à forma do texto associada a uma natureza de experiências de aberto embate ideológico, abre a possibilidade de analisar uma tendência da produção literária latinoamericana do século XX em um contexto mais amplo, que ultrapassa os limites geográficos do continente e aproxima-a à geografia mundial da barbárie, impondo a necessidade de examinar as relações entre violência, representação e formas literárias (MARCO, 2006, p.51);

2) A literatura de testemunho diante de sua abrangência que recai no literário, no psicanalítico e no histórico;

3) A literatura de testemunho que deve ser entendida diante de três perspectivas: em seu sentido jurídico e de testemunho histórico, no caráter de sobrevivência a um evento-limite e um atravessar a morte e, por fim, em um “teor testemunhal” que permeia grande parte da literatura do século XX (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.8);

4) A relação entre as extensas repressões aos homossexuais: desde os campos de concentração até a *Aids*;

5) A importante questão sobre a baixíssima divulgação e propagação editorial de testemunhos de vítimas homossexuais da barbárie seja no contexto da *Shoah*, seja no da América Latina;

6) Os efeitos do trauma e as capacidades de lembrar e esquecer presentes nos relatos de testemunho homossexuais que permeiam a narração do eu cindido pela era dos choques e das catástrofes. Questionar, deste modo, a maneira como o indecifrável, mas investigável, foi apresentado por estes dois autores (que apesar de “traumatizados” em momentos históricos distintos, convergem em seus relatos testemunhais homossexuais a vergonha/silêncio proveniente do biopoder). Entender como eles transformaram em texto (terapia) o enigma inenarrável que foi a tortura forte demais contra o homossexual.

NARRATIVA E TRAUMA

Deve-se entender a literatura de testemunho como a narrativa do real traumático e este artigo-pesquisa pretende-se ter por foco a literatura do trauma homossexual, que se crê não ter ainda recebido o devido enfoque. Sendo assim, pensar esta literatura do trauma é pôr-se diante de um paradoxo, posto que o trauma traz em si questões que envolvem esquecer e rememorar repetidamente; querer contar e não conseguir dizer (“*double bind*”). Ou seja, o trauma é algo inenarrável, pois não traduzido por meio da linguagem: é um evento tão extremo, que transcende a capacidade de explicação total por meio do traumatizado. O trauma, o fora do tempo, é entendido como passado que sempre retorna como presente e, no sonho do traumatizado, como destaca Freud, não é a realização do desejo que se manifesta, mas a repetição da cena traumática (FREUD, 2010, p.144). Entre certo distanciamento da cena traumática e a rememoração do trauma, como no caso de Pierre Seel, vê-se o trabalho, na escrita de Arenas, de dar conta do trauma que acontece ao mesmo tempo em que ele se dá. Diz-se isso tendo em vista a *Aids* e este não distanciamento entre o evento traumático e sua narrativa. Sua elaboração como vivência é destacada, de certa forma, na afirmação de que o distanciamento entre tempo presente e ficção, na contemporaneidade, tornou-se impossível (SELIGMANN-SILVA, 2012, p.266).

No entanto, a narrativa da experiência – ainda que difícil, ainda que limítrofe, ainda que cindida – proporciona certa cura: “a capacidade de testemunhar e o ato do testemunho envolvem em si mesmos uma qualidade curativa e já pertencem, por caminhos obscuros, ao processo de cura” (FELMAN, 2000, p.17). Forma esta de entender-se o contar como terapia também explicitada por Arenas – “Mas era um consolo contar tudo” (ARENAS, 2009, p.213) –, e por Seel, em um contexto usual no testemunho, o de fazer-se justiça – “E quanto a mim, depois de décadas de silêncio, decidi falar, testemunhar, acusar” (SEEL, 2012, p.58). Esta

narrativa também é necessária como um “atravessar a morte”, para suplantá-la. A linguagem é capaz de não curar a ferida que aberta ainda jorra sangue (vide os suicídios de Reinaldo Arenas e Primo Levi), mas ela proporciona uma válvula de escape ao grito.

Refletir sobre esta incapacidade de dizer (não conseguir dizer o trauma chamado *Aids*, por Arenas, e manter-se no silêncio e adentrar uma vida heteronormativa pela obrigação de corroer-se no segredo, por Seel) e sobre a necessidade de contar, é retomar questões muito importantes para a literatura do século XX, produzida por meio do real traumático. Como destaca Benjamin, “já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis e não mais ricos” (BENJAMIN, 1996, p.115). Este fato nos revela que a experiência traumática que o século XX nos lega é permeada pela incapacidade de ser posta em linguagem, de ser retransmitida, pois assustadora e abjeta (conceitos freudianos de *Schreck* e *Unheimlich*). Ainda segundo Benjamin (retomando Freud), o estímulo que se dá por traumático é aquele não registrado pelo consciente. O choque, desta forma, quanto mais constante, mais irá requerer o consciente “no interesse em proteger contra os estímulos” (BENJAMIN, 1997, p.109). Esta “racionalização”, de acordo com o autor, seria o desempenho máximo da reflexão que faria do incidente uma vivência. “Se não houvesse reflexão, o sobressalto agradável ou (na maioria das vezes) desagradável produzir-se-ia invariavelmente, sobressalto que, segundo Freud, sanciona a falha de resistência ao choque” (*Ibidem*, p.111). Benjamin articula, então, na figura de Baudelaire, a capacidade de ter assimilado o choque e sua tentativa de depreendê-lo “na imagem crua de um duelo, em que o artista, antes de ser vencido, lança um grito de susto” (*Ibidem, Idem*). É esta batalha contra a falha de resistência ao choque que, aqui, entende-se como a capacidade de curar que a narrativa proporciona.

A consequente racionalização de uma poética proveniente do trauma é a causa da famosa consideração de Adorno, ética e estética, que se retém em Auschwitz, mas que pode ser ampliada aos genocídios que macularam a humanidade de uma forma geral: “Escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de porque se tornou impossível escrever poemas” (ADORNO, 2002, p.61). No entanto, em texto posterior, Adorno faz uma ressalva, a de que “a dor perene tem tanto direito à expressão, como o torturado ao grito; por isso pode ter sido errado afirmar que não se pode escrever mais nenhum poema após Auschwitz” (ADORNO, 2009, p.300). Este grito seria, então, o susto de Baudelaire, Arenas e Seel.

Pretende-se agora frisar o viés da realidade traumática. Ou seja, de uma realidade possível de emergir, proveniente de um texto que se quer real, mas que atravessado pela subjetividade e pelas complicações referentes à experiência traumática, intraduzível e traduzível ao mesmo tempo. Aqui, entende-se o trauma generalizado como o trauma de ser homossexual. Com isso pretende-se afirmar não que ser homossexual seja trauma, mas que como a sociedade vê o homossexual como desvio, o cidadão homossexual recebe esta informação e a trabalha em sua vida como trauma. Desta forma, em um texto literário que não mais é o de afastamento – o de um texto (obra) independente, que aparentemente não recebe interferência de seu contexto (autor) – mas sim de aproximação – um texto que está sempre e em todo momento referindo-se ao seu contexto.

Sendo assim, busca-se, portanto, nestes testemunhos literários, encontrar o teor real, o resto, a sobra de vida que existe em um testemunho onde a testemunha está morta, pressuposto da lógica do carrasco: destruir a vítima até o ponto em que ela se acredita como o próprio algoz (NICHANIAN, 2012, p.43-44). O narrar é, portanto, o sopro de vida, a atitude que faz da testemunha reafirmar-se como vítima e pedir por justiça. A intenção de trabalhar

aqui a questão do real traumático é necessária para desviar os discursos negacionistas que conferem à narrativa testemunhal e autobiográfica um teor tão subjetivo que impossível de se mensurar na esfera da realidade. Como afirmou-se aqui sobre o indizível da *Aids*, do campo de concentração, do cárcere e da homossexualidade em si, destaca-se: “O testemunho, portanto, é muito mais lacuna que propriamente moldura, muito mais *índice* do que símbolo?” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.20) e “O testemunho não se interessa por fatos (...), mas pela lacuna que subsiste entre os fatos e sua verdade experiencial” (PENNA, 2013, p.71). Este índice, essa literatura que revela mais ao vermos as pegadas e não o pé que pisa, é a literatura de um “homem sem qualidades”, deste “homem inumano”, de alguém que na escrita pretende vagamente encontrar-se.

Este é o sujeito testemunhal: ele é potência, ele não é essência (*Ibidem*, 78). Pensar a realidade do testemunho, da experiência-limite – já que não há realidade fora de Auschwitz (e seus correspondentes); não há realidade fora da *Aids*; não há realidade fora do baque forte demais – é pensar na “metarrealidade que a destruição da realidade é” (LYOTARD *apud* NICHANIAN, 2012, p.34), absolutamente, como pretendem nos fazer ver os relatos de Arenas e Seel. É, então, no lastro de verdade, nesta outra realidade existente a partir da morte da realidade que se deve pensar o testemunho: “O testemunho será assim, em outras palavras, compreendido não como uma modalidade de enunciado sobre mas como uma modalidade de acesso àquela verdade” (FELMAN, 2000, p.27).

Portanto, ao definir como objetivo a hipótese do elo que permite dizer que há uma “universalidade” na representação do trauma homossexual, e trabalhar de certa forma como secundária a separação entre *Shoah* e *testimonio*, vê-se como imprescindível analisar estas lacunas presentes nos textos de Arenas e Seel, pois estas lacunas são o que definem – totalmente – seus testemunhos: é a partir da *Aids* que Arenas trabalha seu livro/sua vida,

ainda que ele tenha dito que “o livro acabou e disse pouco sobre a *Aids*”. Vê-se a condenação e o ressentimento a seu sexo em todo canto do texto, e isso é assim por conta da *Aids*, a maldita, a não-dita: “mas o fato é que o prazer sexual se paga quase sempre muito caro; mais cedo ou mais tarde, por cada minuto de prazer que vivemos, passamos depois anos de sofrimento” (ARENAS, 2009, p.236). Esta interdição de se compreender a *Aids* e de dizê-la é percebida também na troca de correspondências entre Arenas, nos Estados Unidos, e sua mãe, ainda vivendo em Cuba. Em nenhum momento o filho dirige-se diretamente à mãe afirmando ser portador de tal vírus, no máximo dizendo “estar muito doente”. Já a mãe, em nenhum momento também encara no filho o fato de ele ser aidético, referindo-se ao vírus ao mostrar-se preocupada com um cunhado seu, que está infectado e dizendo ao filho para cuidar-se muito e se precaver dos perigos. Ambos sabiam da *Aids*, mas ambos não conseguiam dar nome a esse horror e a seus medos (OLIVARES, 2013, p.114-147).

Seel, por sua vez, faz do silêncio que permeou sua vida e que fez com que seu relato demorasse tantos anos para ser dito (silêncio imposto tanto pelo governo autoritário nazista como pelo democrático francês), a marca registrada de seu trauma, e é no silêncio que após o campo de concentração ele faz de sua homossexualidade – em sua vida adulta não há referência a um novo amor homossexual para Seel (ele apenas rememora seu namorado assassinado) – que o livro se estrutura: “Eu havia decidido apagar a minha homossexualidade da minha vida. Mas é possível impedir a si mesmo de pensar?” (SEEL, 2012, p.120). O livro reproduz o diálogo entre Seel e um jornalista que o estimula a contar seu relato e é na fala do jornalista que se lê: “É necessário testemunhar (...). O essencial é dizer” (*Ibidem*, p.134), enquanto Seel destaca surpreso: “eu surpreendi-me por poder falar” (*Ibidem*, p.135).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como espera-se ter ficado claro, este trabalho teve por intenção articular duas obras de testemunho, tendo como foco principal possibilitar uma análise da literatura do trauma homossexual independente de separação entre a *Shoah* e o *testimonio*. Quis-se, com isso, preencher as lacunas que ambos os textos tentam fazer emergir, para que se pudesse compreender o resto de um grito abafado que dois homossexuais, vítimas do sistema-mundo, tentaram fazer ser ouvido.

Da mesma forma, almejou-se dar chance a um campo do testemunho ainda pouco explorado e viável editorialmente: o do texto homossexual. Inseridos em um contexto dos Estudos Culturais e da propagação dos direitos civis *gays*, analisar estes autores foi igualmente dar voz a uma minoria (pode o subalterno falar?) ainda com pouca voz: é tentar dar mais uma chance de inserir na história os que foram barbaramente repelidos dela. Frisar também que o discurso de “repulsa ao próprio sexo” empreendido pelo homossexual traumatizado (e encontrado em Arenas e Seel) não pode ser visto como reverberação de homofobia internalizada, como parece sugerir Sánchez (2012), mas sim entender o homossexual que se nega querendo, na verdade, que alguém o estenda a mão para afirmá-lo. O estudo da representação literária do testemunho aqui empreendido visa tentar compreender o que os autores analisados disseram ser incompreensível: “Para quem não passou por isso, não é possível compreender o que significa” (ARENAS, 2009, p.164). O testemunho, ato ético e estético, portanto, contra a barbárie. O homossexual, ainda receoso de testemunhar, encontra em Arenas e Seel uma possibilidade e é esta chance que este estudo deseja dar voz.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. “Um uivo em memória de Reinaldo Arenas”. In: ABREU, Caio Fernando (Org.). **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2006. p.127-129;
- ADORNO, Theodor. “Meditações sobre a metafísica”. In: ADORNO, Theodor (Org.). **Dialética negativa**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009, p. 299-337;
- ADORNO, Theodor. “Crítica cultural e sociedade”. In: ADORNO, Theodor (Org.). **Indústria cultural e sociedade**. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002, p. 45-61;
- ARENAS, Reinaldo. **Antes que anoiteça**. Tradução: Irène Cubric. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2009;
- BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política – obras escolhidas, volume I**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996;
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo – obras escolhidas, volume III**. Tradução: José Martins Barbosa e Emerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997;
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade saber, volume I**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980;
- FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer”. In: FREUD, Sigmund (Org.). **Sigmund Freud, obras completas: volume 14**. Tradução: Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p.120-178;
- MARCO, Valeria de. “A literatura de testemunho e a violência de estado”. In: **Revista Lua Nova – revista de cultura e política**. São Paulo: CEDEC, n.62, 2004, p.45-68;
- NICHANIAN, Marc. “A morte da testemunha. Por uma poética do ‘resto’ (reliquat)”. In: GINZBURG, J.; HARDMAN, F.; SELIGMANN-SILVA, M. (Orgs.). **Escritas da violência: o testemunho, volume 1**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2012. p.13-49;
- FELMAN, Shoshana. “Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino”. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Editora Escuta, 2000;
- PENNA, João Camillo. **Escritos da sobrevivência**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras. 2013;
- OLIVARES, Jorge. **Becoming Reinaldo Arenas: family, sexuality, and the Cuban revolution**. Durham and London: Duke University Press, 2013;
- SÁNCHEZ, Dario. **Perversos, bichas e entendidos: identidade homossexual no romance latinoamericano**. Recife: Editora UFPE, 2012;
- SEEL, Pierre. **Eu, Pierre Seel, deportado homossexual**. Tradução: Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Editora Cassará, 2012;
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003;

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

Recebido em 02 de abril de 2016

Aceite em 15 de junho de 2016

Como citar este artigo:

AROSA, Guido Vieira. Pierre Seel e Reinaldo Arenas: homossexualidade e cânone da literatura de testemunho. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p 172-188. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie11.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.